



## Leandro Konder: Compromisso Militante na “Batalha das Ideias”

Mirla Cisne\* e Tatiana Brettas\*\*

Em tempos de desesperança e descrença, o terreno para a ideologia do fim da história ganha um adubo perigoso que precisa ser combatido firmemente, sob o risco de perdermos o sentido da humanidade e estancarmos na barbárie em que já nos encontramos. Neste tempo sombrio, consideramos importante recorrer à história e perceber que, na sua dinâmica, temos uma realidade preñe de possibilidades. É nesse sentido que buscaremos destacar, nesta resenha, um importante exemplo de resistência que alimenta e impulsiona a luta política por um novo mundo: o militante e pensador marxista Leandro Konder.

Além de traçarmos um breve perfil desse importante personagem para o marxismo e o comunismo no Brasil, apresentaremos quatro livros que, entre a sua vasta obra literária, foram reeditados em 2009: *Marxismo e alienação*: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação; *Introdução ao fascismo*; *A derrota da dialética*: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30; e *O marxismo na batalha das ideias*.

A responsável pelo resgate dessas obras foi a Editora Expressão Popular, no momento de comemoração dos seu dez anos de existência. A escolha desse autor para brindar a primeira década da editora não é casual, reflete a reafirmação do compromisso teórico-político a que se propõe: enfrentar a “batalha das ideias”,

.....  
\* Assistente Social. Doutoranda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos sobre a Mulher (NEM/UERN) e do Grupo de Estudos de Orçamento Público e Seguridade Social (GOPSS/UERJ). Endereço eletrônico: mirlacisne@gmail.com.

\*\* Economista. Doutoranda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos em Serviço Social, Trabalho e Lutas Sociais (GESTULS/UERN) e do Grupo de Estudos de Orçamento Público e Seguridade Social (GOPSS/UERJ). Endereço eletrônico: tatiana.brettas@gmail.com.

cultivando a formação política crítica em *prol* da emancipação humana. Por isso, semear a perspectiva crítica marxista tornou-se o eixo estruturante da editora.

Em entrevista para o *Jornal Brasil de Fato* sobre os dez anos da Expressão Popular, Carlos Bellé, diretor da editora e um dos seus fundadores, aponta que a iniciativa de montá-la foi de um conjunto de militantes sociais que não apenas acredita na necessidade de transformar a realidade brasileira, mas também na sua possibilidade. Ele ressalta que, em tempos de descrença, de abandono de valores socialistas e humanistas, de afirmação da primazia do mercado, a editora procura dar voz aos que se preocupam em reafirmar a historicidade, resgatar a importância dos clássicos, modificar o modo de vida e “negar o critério e a fórmula do lucro, possibilitando o acesso aos bens culturais”.<sup>1</sup> É assim que essa editora militante vem crescendo sem entrar na medíocre lógica mercantil, priorizando o acesso à leitura crítica em detrimento da busca de lucros, ou seja, afirmando o compromisso político com o valor de uso dos livros como patrimônio para humanidade.

Assim, nos seus dez anos de existência, a Expressão Popular construiu-se e consolidou-se<sup>2</sup> criticamente pautada no compromisso com a emancipação humana, ainda que em uma década muito adversa para a classe trabalhadora. Como ressalta Leandro Konder em seu livro *Marxismo e alienação* “[...] cada grande livro acrescenta alguma coisa ao autoconhecimento do homem e permite à humanidade avançar um pouco mais no sentido da humanização do mundo” (p. 162). A relação entre Leandro Konder e a Expressão Popular significa, portanto, muito mais do que um encontro, significa a identidade das partes em defesa da humanidade, expressa em todos os livros desse brilhante autor e no compromisso editorial da editora.

Podemos dizer que Leandro Konder, em toda a sua trajetória de vida, buscou não apenas corresponder teoricamente à perspectiva emancipatória como foi um profícuo intelectual orgânico na sua construção e difusão militante. Daí a merecida homenagem da editora neste momento de festividade.

Filho de um comunista, Valério Konder, Leandro teve a possibilidade, desde muito jovem, de conviver em ambiente comunista, com o qual se identificara. Aos quinze anos, entrou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, desde então, nunca abandonou o comunismo. Ao longo da história, mudou de partido algumas vezes, na busca de manter a coerência com a perspectiva marxista de comunismo que defende.

Autor de quase três dezenas de livros, militante e educador, árduo defensor da democracia como valor universal, Leandro Konder consagra-se como um grande mestre. Um exemplo vivo do antidoutrinalismo que atrofia – senão estanca – a necessária busca de conhecimento teórico e empobrece a criatividade humana. A marca de toda a sua trajetória de vida é a de um intelectual orgânico que respeita e sabe conviver com as diferenças, que recusa o sectarismo, o maniqueísmo, a intolerância e o dogmatismo, sem perder seu direcionamento e firmeza teórico-política.

Assim, ao longo de sua vida, vem construindo um legado de ensinamentos e amadurecimento para o pensamento marxista brasileiro, tornando-se marco refe-

<sup>1</sup> BELLÉ, 2009.

<sup>2</sup> Segundo a divulgação do *Jornal Brasil de Fato* (op. cit), em dez anos de existência, a Expressão Popular publicou 327 autores, 234 títulos e já atingiu a marca de mais de 1.000.000 de exemplares.

rencial de gerações. Uma das grandes contribuições de Konder ao marxismo no Brasil foi a introdução do pluralismo na nossa literatura, ao possibilitar a entrada de pensadores como Gramsci e Lukács, editados pela primeira vez pela Editora Civilização Brasileira, quando Leandro era seu assessor. Esses são alguns dos autores com os quais dialoga em suas obras, essas, por sua vez, também fundamentais para o amadurecimento crítico do pensamento marxista no país.

Generosidade, tolerância, autocrítica, bom humor e pedagogia são características que marcam a trajetória de Leandro Konder. Trata-se de um autor que se expressa sem medo de assumir suas fragilidades, completamente aberto ao diálogo, ao novo, ao que está por vir – enfim, disposto a aprender e a crescer no movimento dialético da história. Os quatro livros que apresentaremos, sumariamente, abaixo são grandes exemplos disso. Exemplos de um mestre que vem dedicando sua vida à Humanidade, no sentido mais profundo que esse termo possa ter.

### ***Marxismo e alienação***

Publicado pela primeira vez em 1965, pela Civilização Brasileira, *Marxismo e alienação* marca a estreia em livro de Leandro Konder. A obra, à época, significou uma oxigenação para os combatentes derrotados com o golpe de abril de 1964, bem como uma referência para a juventude que se encontrava sem rumos para pensar. Segundo José Paulo Netto, o livro representou “um raio de sol na escuridão em que estávamos vivendo, um livro extremamente corajoso, um livro avançado e um livro que mudou qualitativamente a forma de se divulgar a reflexão teórico-filosófica no Brasil”, em um período que a tradição marxista brasileira era muito atrofiada. É com essa obra que Leandro inaugura o pluralismo na interpretação marxista no Brasil, quando passa a apresentar um diálogo sistematizado com pensadores praticamente desconhecidos no país, especialmente Gramsci e Lukács. Além, é claro, de buscar a compreensão da alienação por intermédio de obras marxianas, como os *Manuscritos econômicos filosóficos*, de 1844.

Essa obra, apesar de escrita na década de 1960, continua não apenas atual, mas indispensável, à medida que se propõe um estudo da concepção marxista de alienação, uma categoria que nos ajuda a desvelar criticamente questões e impasses contemporâneos, dada a sua forte presença nas múltiplas relações e expressões sociais. Para facilitar o debate, o autor dividiu sua exposição em sete partes.

Na primeira, *Alienação e História*, o autor busca desvelar a raiz da alienação, atribuindo a mesma à origem da divisão social do trabalho. Essa divisão divorcia a consciência da prática ao separar o trabalho intelectual do manual, cindindo o indivíduo do ser genérico. A divisão social do trabalho, todavia, não ocorre isoladamente, associa-se à apropriação privada das fontes de produção e à origem das classes sociais. Ou seja, a alienação é vista pelo autor como a síntese de um único processo histórico que envolve, fundamentalmente, esses três aspectos articulados: divisão social do trabalho, propriedade privada e classes sociais.

A segunda parte trata da relação entre *Alienação e Religião*. Para Konder, a religião é uma expressão de consciência ideológica, esta entendida como a “forma de consciência característica do indivíduo que não apreende inteiramente a sua experiência, porque não a apreende como *experiência social*” (KONDER, 2009, p.

73). A consciência religiosa fixa limites não-móveis para conhecimento humano, baseados na esfera do desconhecido. Com isso, a razão, por mais que possa existir na religião, é subordinada aos dogmas, ou seja, às verdades absolutas, às “revelações” que fundamentam a fé. Decorre daí, da limitação do conhecimento humano, a alienação como algo inerente à consciência religiosa.

Em sua análise crítica das determinações históricas da religião, bem como de suas possibilidades e limites, Leandro Konder nos brinda com uma aula contra a intolerância religiosa e contra o idealismo que pode decorrer da crença em que o desaparecimento da religião pode ser apressado pela violência e repressão às consciências religiosas. Afinal, “se a religião manifesta um estado de coisa dentro da qual ela é necessária, a única maneira de suprimi-la é agir tendo em vista a modificação de tal estado de coisas, de que decorre a necessidade da religião” (KONDER, 2009, p. 81).

Na terceira parte, *Alienação e Ciência*, o autor nos convida a refletir criticamente sobre a ciência, distanciando-a dos perigos do dogmatismo que a paralisa, bem como nos alertando contra a ingenuidade de concebê-la imune à ideologia. Em outras palavras, o científico não exclui o ideológico, assim como o “ideológico não exclui o científico” (KONDER, 2009, p. 101). Para isso, o autor ressalta o conhecimento científico como historicamente determinado. Sendo a nossa história marcada pelo antagonismo de classe, a ciência é também sucessível à alienação, na medida em que é permeada por interesses políticos antagônicos.

Na quarta parte do livro, *Alienação e Capitalismo*, Leandro Konder destaca que, no capitalismo, a humanidade desenvolveu sua capacidade de domínio sobre a natureza. Em contrapartida, enfraqueceu fortemente – se comparada às épocas precedentes – o seu domínio sobre a realidade social. É sob o capitalismo que a alienação adquire, segundo o autor, uma “feição drástica”, passando a se fazer presente nos mais diversos níveis da atividade humana.

Na sociedade capitalista, “a alienação assume, claramente, as características da *reificação* descrita por Lukács [...], com o esmagamento das qualidades humanas e individuais do trabalhador por um mecanismo inumano, que transforma tudo em mercadoria” (KONDER, 2009, p. 130). Contudo, a concepção dialética da história da humanidade como “totalidade aberta”, incitada por Konder, leva-nos ao reconhecimento de que “há constantemente alguma coisa de novo sob o sol, de modo que o homem precisa saber se renovar para compreender o que é novo” (2009, p. 120).

É pois, nessa perspectiva de “totalidade aberta”, que devemos desvelar as contradições do “mundo do mercado”, de forma a não reforçar o conteúdo conservador da ideologia do capitalismo como fim da humanidade. Nessa perspectiva, o autor, resgatando Simone de Beauvoir, alerta-nos: “o quietismo catastrófico serve à ordem estabelecida” (KONDER, 2009, p. 136).

Na quinta parte, *Alienação e Arte*, Konder nos leva a um belo passeio sobre a importância da arte para a humanidade, destacando, em um diálogo com Gramsci, a liberdade como algo fundamental para criação estética. Assim como para a ciência, o antagonismo de classe não deixa a arte imune à alienação. Por isso, embora a consciência artística possa superar os limites de uma consciência filosófica e política alienada, ela se encontra sujeita à consciência do artista que, comumente, sofre as pressões econômicas e as consequências das deformações ideológicas do sujeito.

Na sexta parte, *Alienação e Política*, o autor destaca a significação da política como uma atividade humana e tece uma crítica ao apoliticismo, resultante da alienação com um nítido conteúdo de classe: impedir a tomada de consciência das potencialidades políticas, a participação e o controle da vida social daqueles que são excluídos do poder.

O autor ressalta ainda a importância da classe operária, ao passo que a sua libertação implica a necessidade de um “movimento orientado para a libertação da humanidade”, processo que exige a supressão da sociedade de classes. Para tanto, o marxismo se faz indispensável, por ter se tornado o “ponto de vista desalienador” do proletariado moderno. Contudo, “o marxismo continua a ser uma ideologia” (KONDER, 2009, p. 193) e, como tal, o seu reconhecimento não garante por si só a desalienação. Como exemplo disso, Konder analisa a presença da alienação no interior de perspectivas revolucionárias, destacadamente no estalinismo – demonstrando que os marxistas não estão imunes à alienação.

Na sétima parte, *Alienação e Subdesenvolvimento*, o autor resgata a particularidade do subdesenvolvimento – associada à lógica da exploração imperialista. Sua preocupação se dá especialmente em relação aos seus efeitos no Brasil, tendo em vista o processo de produção da alienação provocado nos grupos voltados para a sua superação. Entre os efeitos do subdesenvolvimento a tais grupos, destacamos a falta de autonomia de pensamento e ação e a importação mecânica de métodos socialistas elaborados para outra realidade – no caso, a Rússia – para aplicar à realidade brasileira, desconsiderando nossas particularidades históricas.

As dificuldades geradas pelo subdesenvolvimento para a ação dos comunistas, anima-nos o autor, “não os impediram inteiramente no passado e muito menos os impedem hoje de conquistarem um nível teórico mais elevado, um conhecimento mais efetivo da realidade brasileira e uma autonomia de ação e pensamento mais profunda” (KONDER, 2009, p. 235).

A vigorosa, profunda e estimulante capacidade crítica de Leandro Konder, explicitamente expressa em *Marxismo e alienação*, aguça-nos a sensibilidade filosófica e nos instiga ao desafio de abraçar a luta política pela liberdade, sem a arrogância do dogmatismo, mas com a consciência de que superar a alienação é um desafio dialético cotidiano.

### ***Introdução ao fascismo***

O livro *Introdução ao fascismo* foi escrito quando Konder estava no exílio na Alemanha, nos anos 1970, mas publicado pela primeira vez somente em 1977. Ao saber da reedição em 2009 pela Editora Expressão Popular, um leitor desatento poderia se perguntar qual é o sentido de trazer a tona esse debate ou, como o próprio autor interroga, “o adjetivo *fascista* não tende a se tornar mais uma fonte de equívoco do que um meio de esclarecimento?” (KONDER, 2009, p. 169). Sua preocupação nesse livro é justamente a de chamar a atenção para a importância deste debate e para a necessidade de enfrentarmos a “batalha teórica” travada nas análises e publicações referentes a esse tema.

Quem se dispuser a adentrar no que Konder chamou de “floresta de papel impresso” irá se deparar com uma grande variedade de abordagens e reflexões –

inspiradas em diversas perspectivas teóricas –, as quais podem contribuir para confundir até mesmo um desbravador experiente. O trajeto percorrido pelo autor pode, sem sombra de dúvidas, funcionar como um caminho, sinalizando obstáculos e bifurcações, de modo a evitar muitos escorregões e sobressaltos nessa caminhada ainda inconclusa. Sua preocupação principal é contribuir para entendermos esse fenômeno de modo a evitarmos que a essência do fascismo ressurgja, ainda que sob uma nova roupagem, e volte a nos assombrar.

Somente um guia com a bagagem teórica e a convicção metodológica de Leandro Konder poderia se arriscar nessa empreitada sem perder de vista a simplicidade e a capacidade de diálogo. E é assim, na articulação dialética entre forma e conteúdo, que ele enfrenta a “floresta de papel”, sem se deixar ofuscar por miragens e visões fantasiosas.

Sendo assim, o fascismo para ele não pode ser explicado apenas pela personalidade de seus líderes, tampouco pelas características da agitação política que tanto marcaram tal período. Ir para além da particularidade que assumiu o fascismo “clássico”, na Alemanha e na Itália, implica ver o que está por trás da sua *forma* e apreender o *conteúdo*. Somente assim é possível perceber que o fascismo não é um fenômeno isolado, restrito ao período entre-guerras, mas uma determinada expressão política de direita que pode se manifestar de diferentes formas. Desse modo, devemos estar atentos para possíveis manifestações que assumam um novo formato, mas mantenham a essência desse fenômeno.

O autor trata desse árido tema de forma extremamente didática e convidativa, dividindo sua exposição em quatro partes para facilitar a compreensão, sem de forma alguma atribuir-lhe uma conotação simplista ou superficial. São elas: O conceito de fascismo; Como o fascismo “clássico” foi interpretado na sua época; A discussão sobre o fascismo depois da morte de Hitler e Mussolini; Conclusão: a situação atual das controvérsias em torno do fascismo.

Ao longo dessas quatro partes, ele aborda as principais características do fascismo, dialogando com autores das mais variadas perspectivas teóricas, avançando em relação à identificação de questões psicológicas, étnico-raciais ou mesmo fatalistas. O autor reforça, durante todo o texto, a relação dialética entre economia e política e a necessidade de inserir o debate no contexto mais geral de acumulação capitalista.

Suas análises não deixam dúvidas. O fascismo mantém íntima relação com a fase imperialista do capitalismo e pressupõe a existência do capital financeiro. Por meio de uma suposta preocupação com a modernização, é possível identificar um favorecimento do processo de concentração e centralização do capital, postos a serviço da consolidação do capitalismo monopolista de Estado. Ao mesmo tempo, assume um caráter político de direita, “guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório”. O autor complementa dizendo que “o fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antisocialista, antioperário”(KONDER, 2009a, p. 53).

Mas ele não para por aí. Ao considerar os limites de uma primeira conceitualização, o autor faz um convite a resgatar sua inserção histórico-social e se propõe

a responder a duas perguntas: Como surgiu o fascismo? Como foi interpretado ao longo do processo em que foi amadurecido? Daí a necessidade do autor de retomar as interpretações desse fenômeno ao longo da história. Podemos, portanto, identificar um percurso metodológico que demonstra a vivacidade e a dinamicidade de suas análises, em momento nenhum dogmáticas, sectárias ou deterministas.

Segundo Mauro Iasi, que assina o prefácio do livro, “o que substancialmente Konder nos alerta é que o fundamento do fascismo como expressão política da direita mais conservadora deve ser encontrado em suas determinações de classe”(KONDER, 2009a, p. 17). Assim, mais do que a relação do fascismo com a massa da pequena burguesia que, segundo o autor estaria funcionando como um “suporte ‘popular’ ao movimento”, é preciso prestar atenção na relação deste com o grande capital, em sua etapa financeira e imperialista. Suas reflexões, portanto, ainda que datadas, permanecem atuais e, por que não dizer, indispensáveis para uma profunda análise da realidade contemporânea.

### ***A derrota da dialética:***

#### **a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30**

A riqueza de informações e a exposição didática e envolvente do livro impõem grandes dificuldades a qualquer tentativa de extrair deste as suas principais ideias. As iniciativas, nesse sentido, ainda que bem intencionadas, tenderão a reduzir a grandeza do debate travado pelo autor e de forma alguma podem se propor a substituir uma leitura atenta (e fatalmente prazerosa!) das palavras impressas nesse livro – que nos parecem ter sido, uma a uma, escolhidas a dedo. Nesse sentido, mais do que uma resenha da obra, pretendemos fazer o convite a uma viagem no tempo conduzida por um guia que é muito mais do que um brilhante intelectual marxista, mas uma fonte de inspiração para manter não apenas acesa, mas ardente a chama da rebeldia.

O texto teve origem na tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFICS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida em 1987 e transformada em livro no ano seguinte. Sua principal preocupação nessa obra é analisar os primeiros encontros entre o marxismo e o Brasil, não apenas no que diz respeito ao pensamento brasileiro, mas também ao movimento operário.

A análise empreendida pelo autor tem como ponto de partida uma nota preliminar sobre a dialética. Suas considerações iniciais, nessa obra, consistiram em fazer um cuidadoso resgate das concepções presentes no pensamento filosófico acerca dessa temática. Assim, em um percurso que vai de Platão e Aristóteles a Marx, passando pelos estoicos e por Hegel, o autor nos conduz a um breve – porém profundo – passeio pelos caminhos que fizeram com que a noção de dialética fosse assumindo um caráter dinâmico e materialista, de modo que precisasse “estar sempre disposta a se questionar a si mesma, a se reformular em seus próprios fundamentos, para não se desligar do fluxo da história” (KONDER, 2009b, p. 40).

No passo seguinte dessa viagem, nosso guia nos brinda com um panorama do marxismo no plano histórico-mundial. Para tanto, o autor começa com um sedutor convite à rebeldia, em que ele afirma que “quanto mais contraditório se apresente o

processo histórico, quanto mais complexas sejam as tarefas da transformação consciente da sociedade, tanto mais necessária se torna essa chama da rebeldia, para que o movimento não se mecanize, para que suas contradições não coagulem” (KONDER, 2009b, p. 44).

Em seguida, debatendo temas como a consciência revolucionária, necessidade objetiva e iniciativa do sujeito, práxis e processo histórico, ele demonstra como esses elementos foram ganhando materialidade no movimento socialista. Ao resgatar a importância na relação entre subjetivação e objetivação, entre teoria e prática, estratégia e tática, Konder analisa como o pensamento de Marx vai sendo apropriado de forma mecanizada e instrumentalizada, perdendo sua dimensão dialética e sendo posto a serviço de simplificações oportunistas e mistificadoras.

Saindo desse plano mais geral e entrando na particularidade do Brasil, o autor chama a atenção para o fato de que o pensamento de Marx teve uma incorporação tardia por parte dos pensadores brasileiros, mesmo considerando o pensamento latino-americano. A Argentina, por exemplo, teve sua primeira tradução da obra de Marx (o primeiro volume de *O capital*) ainda no final do século XIX, ao passo que no Brasil elas começam a aparecer apenas na segunda década do século XX – a primeira tradução teria sido do *Manifesto do Partido Comunista* em 1923. O autor destaca que muitas foram as dificuldades no Brasil para difundir o pensamento de Marx e maiores ainda para articulá-lo com a realidade brasileira.

Mesmo depois da incorporação de elementos do pensamento marxista, as concepções apareciam frequentemente “vagas, confusas e um tanto assustadoras”. Desse modo, a apropriação de suas principais categorias de análise, incluindo a dialética, deu-se de forma superficial e distorcida, além de ter se mantido muito vinculada às avaliações do Partido Comunista da União Soviética, marcadas pelo reducionismo produzido no seio do que se convencionou chamar de “marxismo-leninismo”.

Em linhas gerais, podemos dizer que a apresentação dos resultados de sua pesquisa é permeada pela avaliação de que a grande lacuna deixada pelos precursores da tradição marxista diz respeito ao método de análise da realidade. Nossos revolucionários “com frequência, para agir, se apoiaram em certezas positivas, fundadas sobre dogmas, crenças religiosas, sentimentos abstratos ou preceitos metafísicos” (2009b, p. 238).

A forma como o pensamento de Marx foi apreendido no Brasil inicialmente resultou em uma perda da dimensão dialética, como afirma enfaticamente o autor. Ao analisar as determinações que ajudam a explicar essas dificuldades, Konder destaca que “essa perda foi determinada por fatores ligados à história do socialismo como movimento mundial em conjugação com fatores característicos da vida social e cultural do nosso país”(KONDER, 2009b, p. 75).

Gostaríamos de ressaltar nesse ponto o rigor metodológico com o qual Leandro Konder nos conduz nessa viagem. Sem pausas súbitas ou descontinuidades entre um ponto e outro, ele demarca a processualidade da história, destacando a importância de assimilarmos o pensamento de Marx não de forma isolada, mas atentos “ao seu *uso social*, à sua *realização histórica*” (KONDER, 2009b, p. 75, grifos do autor). Assim, a análise concreta de situações concretas adquire um caráter fundamental e funciona como o fio condutor das suas reflexões filosóficas.



Ao apresentar as produções da época (que incluem, documentos, livros, artigos de jornais e revistas, entre outros), escritos por intelectuais, poetas, escritores e militantes operários, nosso guia vai reconstituindo os acontecimentos históricos nacionais e internacionais desse período, como se tivesse em mãos uma máquina do tempo.

As particularidades político-econômicas nacionais, as trapalhadas iniciais envolvendo a difusão das ideias de Marx, a influência da social-democracia, dos anarquistas, o impacto da Revolução Russa, a criação do PCB, seus debates internos e principais influências, a “revolução de 1930”,... esses e outros tantos elementos que marcaram a nossa história estão cuidadosamente registrados nesse livro e nos ajudam a entender por que Konder assinala a derrota da dialética.

Mas se engana quem pensa que a viagem acabou ou que essa derrota desanima o autor. “Por dura que seja, no entanto, uma derrota é apenas uma derrota: não é a morte. E as derrotas da dialética podem sempre vir a ser, dialeticamente, aproveitadas pelos dialéticos” (KONDER, 2009b, p. 253). Essa obra é, sem sombra de dúvida, fruto de um exercício dialético muito bem sucedido, promovido por um militante e intelectual que tomou para si esse imenso desafio, que é o de contribuir para reconstituir as bases da dialética no Brasil.

### ***Marxismo na batalha das ideias***

Após quinze anos da sua primeira publicação (em 1984), *O marxismo na batalha das ideias* permanece não apenas atual como importante e provocativo para pensar e repensar o marxismo e seus desafios contemporâneos. A grande importância dessa obra reside, pois, na afirmação da importância e da atualidade do marxismo, não como um dogma, mas como uma perspectiva materialista, histórica e dialética que desafia continuamente os(as) revolucionários(as) a inventar “novas armas teóricas”, a fazer o exercício real e não formal da autocrítica e a reconhecer as diferenças para buscar compreender e transformar o mundo.

Com a simplicidade e a ousadia que lhe são peculiares o próprio autor revela a grandeza de sua obra: “o marxismo que neste livro se dispõe a travar a ‘batalha das idéias’ [...] se recusa a vestir qualquer armadura: assume sua fragilidade, suas dúvidas e entra em pelo na arena. Não impele o imprevisto, não se nega ao desconhecido (KONDER, 2009c, p. 16)”.

Trata-se de uma coletânea de textos jornalísticos, ensaios e palestras de Konder sobre os mais variados temas, todos eles tratados em sua relação com o marxismo e/ou com o comunismo. Na diversidade desses textos, eles guardam, em sua maioria, características comuns: são temas polêmicos e/ou menosprezados pela esquerda tradicional – todos eles caros ao pensamento crítico, ou melhor, autocrítico do marxismo. Com isso, ao passo em que reafirma o marxismo, o autor o atualiza, procurando despertar o debate em torno de temas muitas vezes esquecidos em prateleiras empoeiradas da velha esquerda, como feminismo, ecologia, arquitetura, antropologia, direito ao prazer, romance, morte e a necessidade da autocrítica – ou o que o autor denomina de *curriculum mortis* – e outros.

Entre todas essas temáticas, pouco comuns, gostaríamos de destacar o debate que Leandro apresenta no texto Marx e amor. Nele, o autor resgata a concepção

de amor em Marx como um meio de realização do “homem total”. Destaca, ainda, passagens dos *Manuscritos de 1844* para demonstrar a relevância do amor para o pensador alemão, bem como trechos de cartas em que ele deflagra um imenso amor por sua esposa Jenny. Esse texto, entre outros, instrumentaliza-nos a combater a infundada crítica, tecida especialmente pela pós-modernidade, de que o marxismo é alheio à subjetividade.

Outra questão polêmica que o autor enfrenta e ousa responder está no texto intitulado *É possível fazer socialismo com fé em Deus?* Criticando o dogmatismo e a intolerância religiosa muitas vezes presente no pensamento marxista, Konder – além de historicizar a relação entre cristianismo e marxismo – nega o “monopólio do socialismo” e afirma que o “socialismo é de quem o fizer” (2009c, p. 45).

Outras questões duras ao marxismo e ao socialismo para pensarmos as suas possibilidades e desafios atuais são postas no seguinte texto: *As crises do socialismo e a situação atual do marxismo*. Nele, o autor reconstrói criticamente a história internacional das crises que atravessaram o socialismo. Inicia com o aparecimento de Marx e seu enfrentamento ao utopismo e aos princípios do cristianismo, nos anos 1840, e vai até a era estalinista, que apresenta um fenômeno diferente de todas as crises anteriores: “Pela primeira vez, os representantes de tendências e/ou facções vencidas na luta interna foram eliminados fisicamente”(KONDER, 2009c, p. 20). Nesse momento, inicia-se um período de esvaziamento da capacidade de elaboração teórico-crítica e criativa do marxismo, então submetida ao pragmatismo e à força militar de Stálin. Disso resultaram marcas pro-fundas na história do socialismo, ainda hoje não-cicatrizadas.

A análise da experiência soviética, dada a sua relevância e a influência que significou para o Ocidente, é indispensável para se pensar o socialismo na atualidade deste continente. Para Konder, não se trata de “completar” ou “corrigir” o “modelo” que Lênin elaborou e Stálin desenvolveu; “trata-se mesmo de superá-lo em bloco, partindo para a criação de formas novas” (2009c, p. 27). Provocando os revolucionários a pensarem essas formas novas para serem capazes de corresponder às mudanças e desafios trazidos pela história, Konder destaca a importância da democracia, da luta ideológica, da necessidade de a esquerda abraçar temas outrora ignorados, como a questão da homossexualidade e da luta contra opressão das mulheres. E finaliza alertando: “Se não souberem se renovar de acordo com as exigências do momento, os revolucionários podem ser levados a desviar para atritos secundários e querelas suburbanas as preciosas energias que deveriam investir e concentrar nos combates realmente decisivos”(KONDER, 2009c, p. 30).

Finalizando o livro de maneira não menos provocativa, Leandro Konder apresenta o texto intitulado: *Ainda tem sentido, atualmente, defender a concepção do comunismo de Marx?* Respondendo à questão, o autor reafirma convictamente o comunismo de Marx, alertando que o seu abandono significaria a diluição da perspectiva marxista.

A escrita leve e sedutora de Leandro Konder, que não o leva a cair no simplismo, tampouco a pecar pela ausência de profundidade teórica, asseguram ao leitor(a) o envolvimento necessário para refletir criticamente sobre temas polêmicos e importantes para a esquerda, contribuindo assim para a ampliação e o fortalecimento do marxismo no enfrentamento das batalhas contemporâneas.

**Referências Bibliográficas:**

BELLÉ, Carlos. Na batalha das ideias. *Jornal Brasil de Fato*, São Paulo, 3-9 de set., 2009. Cultura, p. 8.

KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009a.

\_\_\_\_\_. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009b.

\_\_\_\_\_. *O marxismo na batalha das idéias*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009c.